

O STREETBALL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ROGÉRIO VAZ DA SILVA
MS. FELIPE CANAN
UNIOESTE – MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PARANÁ – BRASIL
felipe.canan@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é a parte inicial de um projeto de conclusão de curso, que tem como tema a conceituação, contextualização e construção das relações pertinentes do *streetball*¹ com a educação física escolar.

Caracteriza-se como uma pesquisa teórica, pelo fato de não se utilizar neste momento, de dados empíricos, mas vai além da pesquisa bibliográfica, uma vez que existe muito pouco material específico publicado sobre o tema. Ou seja, nesta pesquisa, de caráter qualitativo, são reunidas obras de várias temáticas diferentes, para se chegar à discussão da temática proposta, construindo-se um conhecimento novo.

Sendo assim, o *constructo* deste ensaio baseia-se em categorias de pesquisa e análise, tais como: *streetball* ou basquete de rua, *hip-hop*, educação física escolar e cultura urbana. Dentro destas categorias, busca-se criar as interrelações entre cada qual e, mais precisamente, entre a associação da educação física escolar com as demais, uma vez que a presença da cultura *hip-hop* é fática dentro do contexto social e, conseqüentemente, escolar.

Assim, entende-se que, de uma maneira geral, é de domínio comum que o povo brasileiro seja criativo, adaptativo e corporalmente expressivo. Em cima destes potenciais, muitas crianças e jovens do país imitam e adaptam manifestações culturais advindas do exterior e de outras regiões do próprio país, amplamente divulgadas e disseminadas pela mídia, como o *hip-hop*, por exemplo.

Silva e Correia (2008, p. 115) explicam:

A cultura *hip-hop* difundiu-se por todo o mundo, apresentando-se como um ícone de identidade negra. Ao mesmo tempo em que esse movimento traduz em si a influência globalizante da música norte-americana, representa também um movimento de resistência, na medida em que é incorporado pelas periferias das grandes metrópoles, sendo utilizado como elemento de diferença e de afirmação diante das culturas dominantes. **À medida que essas sociedades incorporam o *hip-hop*, o movimento é por elas recriado [grifo nosso].**

A relação que cada qual estabelece com tal movimento se dá, sobretudo pela mídia, e, uma vez incorporado, torna-se parte da cultura urbana. Dessa forma, os adeptos criam versos (*rap*), passos e coreografias (*break*); dribles e *moves*² (*streetball*); e desenhos e traços (*grafite*), todos elementos do *hip-hop*, passando de sujeitos passivos para ativos, enriquecendo, e porque não, transformando a cultura urbana e a sociedade de uma maneira geral.

Diante desta nova realidade e partindo do pressuposto de que a escola é o ambiente adequado para os jovens desenvolverem criticamente todas as capacidades inerentes ao ser humano, desde aspectos intelectuais a aspectos corporais, surge a possibilidade de se efetuar uma abordagem ampla sobre como realizar as adaptações necessárias visando a inclusão

¹ Expressão difundida, oriunda do tremo *streetbasketball*, que significa, literalmente: basquetebol de rua. Mais precisamente, é a forma informal de se praticar o basquetebol, sem imposição de regras e movimentos estereotipados.

² *Moves* e/ou *handles* são movimentos e/ou manipulações com e/ou sem bola realizado pelo praticante de *streetball* que tem por finalidade confundir e/ou enganar o adversário.

destas manifestações culturais dentro do contexto escolar. Neste caso, como tema de estudo do presente trabalho, tem-se o caso da inclusão do *streetball* na educação física escolar.

Considerando que, segundo Domingues e Cruz (2005), o *streetball* detém parte da preferência de muitos alunos durante os intervalos escolares, questiona-se o porquê de não o trabalhar de forma mais direta, isto é, como conteúdo a ser aplicado nas aulas de educação física, uma vez que apresenta características comuns aos jogos desportivos coletivos como um todo. Ponderando que o basquetebol já faz parte desta disciplina, por que não dedicar também horas-aula para uma possível comparação conceitual, atitudinal e histórica, entre *streetball* e basquetebol?

MAS O QUE É EXATAMENTE STREETBALL?

A Liga Urbana de Basquete define *streetball* ou basquete de rua como um esporte ligado à periferia (gueto, subúrbio, etc.), uma vez que esta região possui intimidade com os estilos musicais de origem humilde (*hip-hop* e *rap*). Vale lembrar que, por interferência da mídia, há muita associação com a vestimenta e maneira de jogar advinda do exterior, em especial os Estados Unidos da América onde a prática e o termo se iniciaram (LUSB, 2011).

No começo, a intenção era somente jogar basquetebol como fosse possível. Isto é, de um contra um a cinco contra cinco, sempre de acordo com as condições de espaço e/ou número de praticantes.

Caracterizado como jogo e não como esporte (ou seja, sem regras institucionalizadas até então) abriu-se margem para que a criatividade somada com habilidade ganhasse corpo, sobretudo com inspiração nos *Harlem Globetrotters* (grupo de protesto de afro-descendentes norte-americanos contra o preconceito, que revolucionaram parte da sociedade na forma de jogar basquetebol e no crescimento do sentimento de poder das classes excluídas contra os preconceitos), fazendo com que suas jogadas de efeito virassem o objetivo principal, já que o que realmente interessava era a diversão, o *show*, a habilidade e não o “vencer o jogo” em si.

Diferentemente do que acontecia com os jogadores de escolas e clubes, que não tinham a opção de mudar os movimentos de jogo, uma vez que estavam restritos pelos treinadores e, muito mais do que isso, pela significação simbólica do jogo em meio à sociedade conservadora da época, os movimentos provindos da “rua” somente foram incorporados ao basquetebol institucionalizado tempos depois, quando o acesso ao mesmo já estava mais democratizado.

O STREETBALL NO BRASIL

Durante muito tempo o basquetebol foi a segunda modalidade mais praticada no país, perdendo somente para o futebol. E esta popularidade se deve às conquistas obtidas tanto por seleções, quanto por equipes representantes de clubes ou cidades, que realizavam apresentações memoráveis nas quadras, atraindo público espontaneamente para as praças e clubes, com o intuito de os imitarem. Isto devido ao poder mítico, simbólico que o esporte pode exercer sobre as pessoas.

De acordo com a LUSB (2011), toda esta movimentação de pessoas tanto nas praças quanto nos clubes, foi fundamental para a consolidação do basquetebol e, atualmente, do *streetball*. No início:

(...) Esses “rachas” em todo Brasil eram comuns, misturando as várias faixas etárias e classes sociais. Na época, o lugar ideal para o seu desenvolvimento [do basquetebol – acréscimo nosso] eram os clubes que reuniam as comunidades locais, formando equipes que disputavam competições no âmbito amador e profissional de seus estados. Os mais talentosos participavam como federados em suas agremiações, disputando regionalmente os campeonatos existentes (...) (LUSB, 2011).

Aqueles que não podiam associar-se aos clubes, ou não podiam constituir parte das equipes formais (pelos motivos que fossem), mas ainda assim desejavam praticar o basquetebol, encontravam – e encontram – nas praças públicas, um espaço democrático para a prática do basquetebol ou *streetball*. Assim, o *streetball* em território nacional assume um papel social porque, além do entretenimento, possibilita sua utilização como uma ferramenta de transformação social, dado seu caráter democrático e sua associação à cultura urbana.

Se num primeiro momento a prática era a do basquetebol de maneira informal, sem associação direta com o *hip-hop*, em um segundo momento tal prática passou a ser diretamente relacionada ao citado movimento social.

Com a propagação das *Skip tapes* (vídeos publicitários que se utilizavam de jogadas de ícones regionais do *streetball* norte-americano), dos produtos associando basquetebol informal (ou *streetball*) e *hip-hop*, celebrando formalmente a correlação histórica entre ambos, e a parceria efetivada entre a CUFA (Central Única das Favelas, responsável pela LIBBRA – Liga Brasileira de Basquete de Rua) e a Rede Globo de Televisão (SILVA e CORREIA, 2008), proporcionando maiores possibilidades de divulgação de cultura urbana como um todo, o *streetball* no Brasil passou a assumir as características semelhantes àquele peculiar dos Estados Unidos.

Assim, se antes o *streetball* era apenas uma prática desinteressada daqueles que não tinham oportunidades ou vontade de praticar o basquetebol formal em clubes, agora o *streetball* encontrava-se coberto de significados sociais, uma vez que estava associado ao *hip-hop*, todo seu estatuto de combate às desigualdades e seus elementos de uma maneira geral.

O problema atual relacionado ao *streetball*, na realidade, é o excesso de mercantilização pela qual vem passando. LUSB (2011) expõe que atualmente se forma todo um “circo” em torno dos “eventos oficiais” institucionalizados de *streetball*, informando, por exemplo, que durante os eventos realizados nos Estados Unidos da América, só se é permitido fotografar com as câmeras vendidas pelos organizadores e com isso, retirando em parte o caráter popular da relação entre *streetball*, praticante e consumidor, uma vez que o acesso deixa de ser democrático. Se, antes, o *streetball* era algo informal e o contato com os ícones da modalidade poderia ser realizado livremente nas praças públicas, agora começava a assumir características de institucionalização.

No entanto, não cabe aqui detalhar e contextualizar esta questão mercadológica. Basta somente mencionar que ela existe e que devido a estes interesses, junto às várias relações sociais, a prática em si vem se “formalizando”, se proliferando e sendo demandada pela população infanto-juvenil.

O STREETBALL E A SUA APLICAÇÃO

Tendo em vista a contextualização realizada acerca do *streetball*, o momento atual sugere que tal prática seja passível e apropriação por parte da educação física escolar, dada sua riqueza de elementos corporais e sociais. Isto fica demonstrado ao se observar todos os eventos mercadológicos envolvendo o *streetball*, a vontade política dos governantes para com os movimentos sociais como, por exemplo, o movimento *hip-hop*, e o aumento do número de praticantes de ambos (*streetball* e *hip-hop* de uma maneira geral) pelas praças públicas do país (DONATO e VELTRINI, 2011).

Obviamente, não se tem como objetivo defender aqui a utilização de tal prática indiscriminadamente, simplesmente porque se apresenta neste momento, difundida em meio à sociedade. Entende-se sim, que a aplicação tanto do *streetball* quanto de qualquer novo elemento não tradicional da cultura corporal no ambiente escolar, deve ser realizada de maneira crítica e contextualizada (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Isto tudo se considerando, também, as diversas discussões teóricas e epistemológicas sobre a educação física (esta caminhando ainda em busca redefinição paradigmática), e, sobretudo, sobre a educação física escolar, sua função social e conteúdos.

Deve-se analisar também que na prática do *streetball* é possível constatar uma rica variedade de movimentos que possuem signos próprios. Muitos desses movimentos (reproduzidos ou criados) requerem, por parte do praticante, um domínio corporal aprimorado. Harrow (1983, p. 43) comenta sobre a relação da aprendizagem com a criação de novos movimentos corporais:

(...) O aluno passa por várias experiências de aprendizagem que aguçam suas capacidades perceptivas e se engaja em muitas atividades que aumentam a qualidade de suas capacidades físicas. A eficiência e o grau de destreza de movimentos alcançados por qualquer aluno estão fundamentados no controle, pelo mesmo, de seus movimentos básicos ou fundamentais, pelo grau de eficiência com que ele percebe os estímulos e pelo nível de desenvolvimento (...) das capacidades físicas. Uma vez tendo o aluno adquirido um repertório de destrezas motoras, ele possui os instrumentos necessários (um corpo eficiente, um sistema perceptivo aguçado e um conjunto de destrezas motoras) para modificar e criar padrões de movimentos estéticos (...).

Isto certamente implicaria numa série de mudanças, entre elas a de postura pedagógica do professor, o qual passaria a ser um agente fomentador da aprendizagem dos novos padrões de movimento pré-estabelecidos e mediador da criação espontânea e individual de padrões individualizados, porém dentro de um contexto lógico e crítico, permitindo a criação de autonomia por parte dos alunos.

Sá e Myskiw (2009) afirmam que o professor/docente é (ele mesmo) um discente e que não existe docência sem discência, proporcionando constantes mudanças pedagógicas, sendo que a principal delas é a de se ensinar articulando o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil.

Os mesmos autores afirmam que nos dias atuais o esporte é consolidado como prática pedagógica dentro da educação física e esta prática muitas vezes é focada exclusivamente no saber-fazer do método tecnicista, centrando o desenvolvimento das aptidões físicas em que se valoriza somente a habilidade e o rendimento dos alunos. Os autores entendem que o ensino do esporte é relevante durante as aulas de educação física, mas que pode ser ensinado de maneira a ampliar o enfoque do saber-fazer baseado na execução de habilidades (técnico-táticas), estimulando também reflexões sobre os significados sociais da prática esportiva.

Em pesquisa realizada em ambiente escolar, visando o ensino de novos esportes, Sá e Myskiw (2009) concluíram que: é possível sim uma transformação didático-pedagógica no ensino dos esportes na educação física escolar e que esta transformação perpassa o papel tradicional de alunos e professores; enfatizaram que os implementos necessários para tais práticas esportivas quando não disponíveis, podem ser criados e/ou adaptados e que a criação/adaptação promove a aprendizagem das técnicas e regras, contemplando um desenvolvimento em aspectos socioculturais; destacaram também a boa aceitação dos alunos, além de verificar a real necessidade de interferência mais aguda por parte dos professores a fim de problematizar, fomentando discussões a respeito das dimensões atitudinais e conceituais, possibilitando a compreensão do esporte e a sua significação na sociedade.

Por acréscimo, fazendo-se uma correlação entre a citada pesquisa e o tema deste ensaio, pode-se perceber existe uma possibilidade real de inovação conceitual, atitudinal e metodológica mais aguda por parte dos professores, abrindo espaço para a inserção do *streetball* e toda gama de movimentos e simbologias corporais e culturais que ele traz consigo.

CONSIDERAÇÕES

O *streetball*, como visto, apresenta um repertório de possibilidades bastante grande a ser explorado pela educação física escolar: a similaridade com o basquetebol “tradicional”; a apropriação dos movimentos “dançantes” do *break*, a possibilidade de criação de novos movimentos; sua relação com o *hip-hop*, movimento social de alta relevância na sociedade contemporânea; a interdisciplinaridade com a história e a sociologia, no que concerne aos movimentos sociais; à arte, na sua relação com o *grafite*; às línguas portuguesa e estrangeira, na montagem das rimas e letras do *rap*, entre outros exemplos.

Não se trata de utilizar o basquetebol para o ensino do *streetball* ou mesmo este como ferramenta pedagógica daquele, ainda que ambas as possibilidades sejam possíveis e também relevantes, mas sim, realizar a construção do conhecimento em conjunto com os alunos, expondo e discutindo todo o processo histórico e social envolvido, além da diferenciação técnica de ambas as modalidades.

Somando-se ao fato de que dentro do ambiente escolar, a aceitação dos alunos pelo novo é satisfatória, conforme apontado por Sá e Myskiw (2009). Além disso, o *streetball*, como apontado por Domingues e Cruz (2005), já ocupa lugar dentre as práticas esportivas no ambiente escolar, ainda que com caráter informal.

Considerando-se tais possibilidades, entende-se, ainda que de maneira não conclusiva, devido à fragilidade da pesquisa, restrita até o momento à teoria, que a utilização do *streetball* seria uma forma de valorização daquilo que já é identificado na escola e na sociedade como um todo, dentro do ambiente das práticas corporais.

Seria uma oportunidade de inovação e “modernização” dos conteúdos da educação física escolar e uma possibilidade de apresentação de uma cultura diferente e rodeada de preconceitos (*hip-hop*), ao todo da comunidade escolar, assim, desmistificando-a e diminuindo ou contribuindo para acabar com o preconceito a esse respeito.

Palavras chaves: *streetball*, cultura urbana; educação física escolar.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. Cortez. São Paulo, 1992.

DOMINGUES, A.; CRUZ, L. **A mídia, o *streetball* e o habitus esportivo: um ensaio sobre a relação de proximidade e influência da mídia nas disposições para agir em quadra**. Anais ALAS – GT 25: Sociologia del deporte y esparcimiento, 2005.

DONATO, D. e VELTRINI, C. *Streetball* conquista as ruas de Maringá. In.: **Jornal Matéria Prima**. – Disponível em: <<http://www.jornalmateriaprima.jex.com.br/geral/streetball+conquista+as+ruas+de+maringa>> no dia 04 de outubro de 2011.

HARROW, A. J. **Taxionomia do domínio psicomotor: manual para a elaboração de objetivos comportamentais em educação física**. Trad. Maria Ângela Vinagre de Almeida. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

LUSB - Liga Urbana de *Streetball*. **A história do basquete de rua** (fonte: www.lub.org.br). Disponível em:<<http://lusb.wordpress.com/a-historia-do-basquete-de-rua/>> no dia 24 de março de 2011.

SÁ, J.J.; MYSKIW, M. Transformação didático-pedagógica e o ensino de novos esportes no ensino médio: um relato de experiência. In.: **Caderno de Educação Física: estudos e reflexões** / UNIOESTE - Vol. 8; nº14. P. 87-98. Marechal Cândido Rondon, 2009.

SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. In. **Revista brasileira de ciências do esporte**. V. 30, nº 1, p. 107-122. Campinas, 2008.

SLANE, M. **Death of streetball**. ElevationMag.com. – Disponível em: <<http://www.elevationmag.com/basketball/index.php?itemid=155&catid=1>> no dia 14 de abril de 2011.

TERSARIOL, A. **Minidicionário Brasileiro**.– Edalbra, s/d.

CONTATO:

Felipe Canan
Rua Almirante Barroso, 3255. Centro. CEP 85905-010, Toledo, PR.
Tel: (45) 9906-2526.
E-mail: felipe.canan@gmail.com .